

VIDA NO ESPÍRITO SANTO

Franklin Ferreira



2. A Graça Comum

Uma importante distinção

Graça Comum
(amor benevolente)



Deus o criador concede dádivas a justos e a injustos.



O amor benevolente de Deus é universal, se estendendo a todas as pessoas, sem distinção.

Graça Salvadora
(amor complacente)



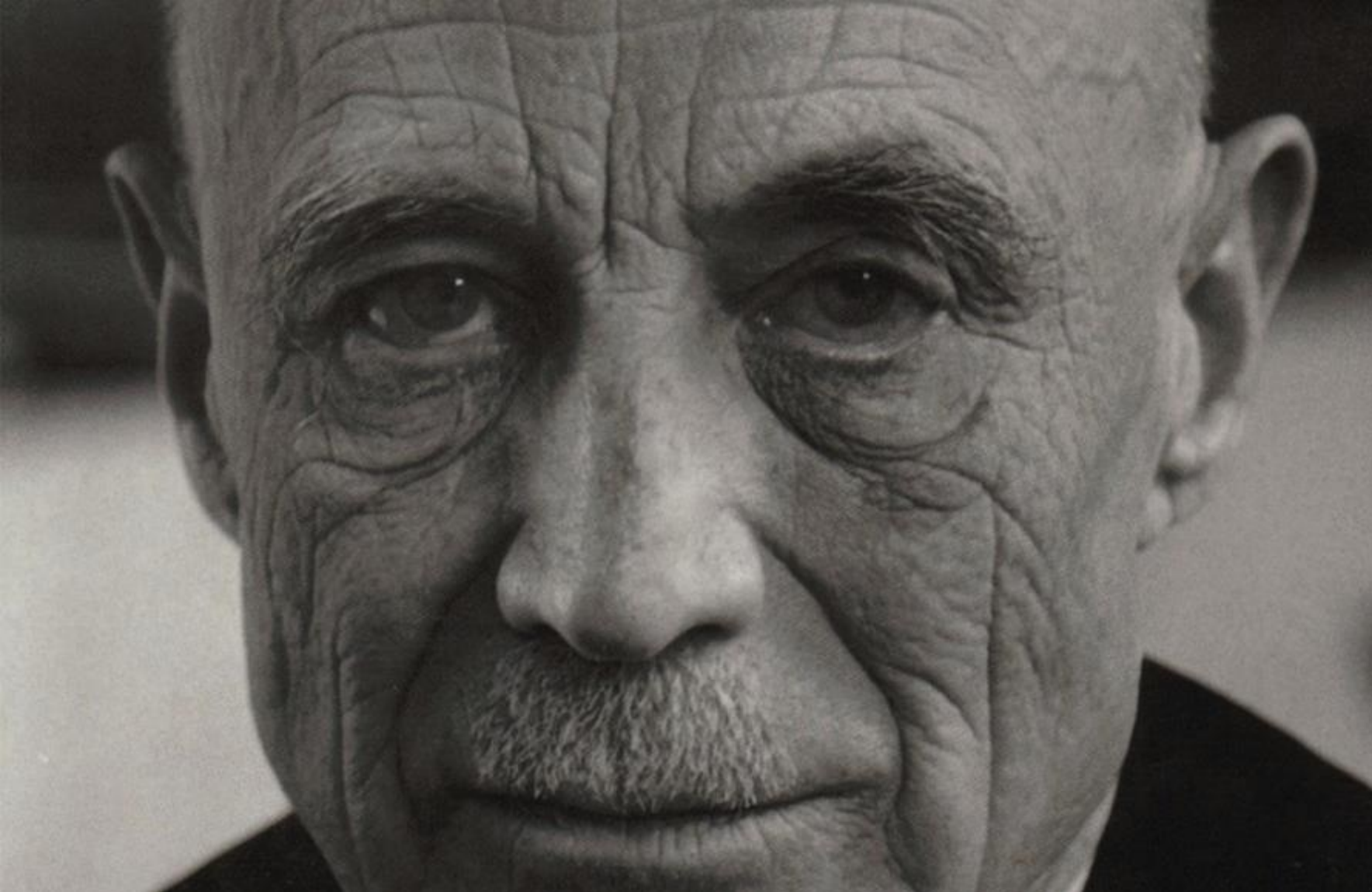
Bênção especial que Deus, o redentor, concede ao seu povo por meio da fé em Cristo.



O amor complacente de Deus é o deleite e o prazer especiais que Deus tem em seu Filho unigênito e, por meio da adoção, por cada crente.

- As Escrituras afirmam que todas as coisas que Deus criou pertencem somente a ele: “O mundo é meu e tudo que nele existe” (Sl 50.12).
- A doutrina da graça comum está intimamente relacionada com a compreensão das várias esferas da criação, do Estado, da Igreja, da família e do indivíduo.
- Esse ensino afirma que, mesmo em meio ao pecado em que o mundo se encontra, o bem é preservado e a maldade restringida (Mt 5.45) em toda a criação.

O CRISTÃO E A RELAÇÃO COM A CULTURA



H. Richard Niebuhr (1894-1962)

Membro da Igreja Evangélica e Reformada e professor na Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

- *Cristo e cultura*: cinco categorias de classificação do relacionamento entre o cristão e a cultura.
- Ferramentas para descrever a forma que os cristãos encaram questões familiares, éticas, educacionais, políticas e trabalhistas.

H. Richard Niebuhr (1894-1962)

Membro da Igreja Evangélica e Reformada e professor na Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

Uma definição de cultura

- Em sentido amplo, refere-se ao cultivo de hábitos, interesses, língua e vida artística de uma nação: histórias, símbolos, estruturas de poder, estruturas organizacionais, sistemas de controle, rituais e rotinas.
- Tudo o que caracteriza uma realidade social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade: valores, atitudes, crenças e costumes.

O cristão contra a cultura

- Os que seguem esta corrente enfatizam que, diante da natureza decaída da criação, é necessário que se criem estruturas alternativas, e que estas sigam mais de perto o chamado radical do evangelho.
- Esta posição foi afirmada no Didaquê (c.80-180), na Primeira Epístola de Clemente (c.95-97), e nos escritos de Tertuliano (c.160–c.225) e dos anabatistas do século XVI, como Michael Sattler (c.1490–1527), assim como a pregação dos fundamentalistas do final do século XIX.

“A filosofia é a matéria básica da sabedoria mundana, intérprete temerária da natureza e da ordem de Deus. De fato, é a filosofia que equipa as heresias...



Tertuliano, *De praescr. haeret.*, VII

Ó miserável Aristóteles! Que lhes proporcionaste a dialética, esse artífice hábil para construir e destruir, esse versátil camaleão que se disfarça nas sentenças, se faz violento nas conjecturas, duro nos argumentos, que fomenta contendas, molesta a si mesmo, sempre recolocando problemas antes mesmo de nada resolver.



Tertuliano, *De praescr. haeret.*, VII

Por ela, proliferaram essas intermináveis fábulas e genealogias, essas questões estéreis, esses discursos que se alastram, qual caranguejos, e contra os quais o Apóstolo nos adverte na sua carta aos Colossenses: ‘Cuidado que ninguém vos venha a enredar com suas sutilezas vazias, acordadas às tradições humanas, mas contrárias à providência do Espírito Santo’.



Tertuliano, *De praescr. haeret.*, VII

Este foi o mal de Atenas... Ora que há de comum entre Atenas e Jerusalém, entre a Academia e a Igreja, entre os hereges e os cristãos? Nossa formação nos vem do pórtico de Salomão, ali nos ensinou que o Senhor deve ser buscado na simplicidade do coração. Reflitam, pois, os que andam propalando seu cristianismo estóico ou platônico.



Tertuliano, *De praescr. haeret.*, VII

Que novidade mais precisamos depois de Cristo? ... Que pesquisa necessitamos mais depois do Evangelho? Possuidores da fé, nada mais esperamos de credos ulteriores. Pois a primeira coisa que cremos é que para a fé, não existe objeto ulterior.”



Tertuliano, *De praescr. haeret.*, VII

“Quarto, unimos nossas forças no que diz respeito à separação do mal. Devemos nos afastar do mal e da perversidade que o diabo semeou no mundo, para não termos comunhão com isso e não nos perdermos na confusão dessas abominações.

Confissão de Schleithem, IV



Aliás, todos que não aceitaram a fé e não se uniram a Deus para fazer a sua vontade são uma grande abominação aos olhos de Deus. Deles não poderão acrescentar ou surgir nada mais do que coisas abomináveis.



Confissão de Schleithem, IV

Não existe nada mais no mundo e em toda a criação do que o bem e o mal, crentes e incrédulos, trevas e luz, os que estão no mundo e fora do mundo, os templos de Deus e dos ídolos, Cristo e Belial, e nenhum deles poderá ter comunhão um com o outro.

Confissão de Schleithem, IV



Para nós, pois, é obvio o imperativo do Senhor, pelo qual nos ordena que nos afastemos e nos mantenhamos longe dos maus. Assim, ele será nosso Deus e nós seremos seus filhos e filhas. Além disso, ele nos exorta a abandonar a Babilônia e o paraíso terreno egípcio, para não passar pelos sofrimentos e dores que o Senhor enviará sobre eles...

Confissão de Schleithem, IV



Devemos nos afastar de tudo isso e não participar com eles. Porque tudo isso não passa de abominações, que nos tornam odiosos diante do nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos libertou da escravidão da nossa natureza pecaminosa e nos tornou aptos para o serviço de Deus, por meio do Espírito que nos ortogou.”

Confissão de Schleithem, IV



O cristão da cultura

- Os cristãos tendem a ver na sociedade a realização das propostas do cristianismo, desfrutando de íntima relação com as estruturas culturais, num processo de aculturação, isto é, de imposição cultural.
- Apesar das objeções que são lançadas a esta posição, especialmente por esta ter sacrificado o que é essencial ao cristianismo, ela tem sido influente na história da igreja.

O cristão da cultura

- Os ensinamentos de gnósticos do século III, de Abelardo de Paris (1079–1142) e dos teólogos liberais do século XIX refletem esta posição.
- No século XX a igreja evangélica na Alemanha, por influência deste entendimento, assumiu-se como Igreja do Reich.



St. MarienKirche

Berlin, 23 de Julho de 1933

O cristão acima da cultura

- Este é o conceito católico medieval, influenciado por Clemente de Alexandria (c.150–c.215) e Tomás de Aquino (1225–1274), que busca uma unidade entre o cristão e a cultura, onde toda a sociedade aparece hierarquizada.

O cristão acima da cultura

- Na Idade Média o ensino eclesiástico alcançou quase todos os aspectos da sociedade: suas práticas religiosas formaram o calendário; seus rituais marcaram momentos importantes (batismo, confirmação, casamento, ordenação) e seus ensinamentos sustentavam crenças sobre moralidade, significado da vida e a vida após a morte.

la postuletur: des. di. omnis xpia
i. id. circo ego ioh. anes andree bono
omnibus iuuenis inter doctozum

magratuo narat isamulis requi si
brat. que exce uaq. m. ab. etis po
ul ab aliis. ro. pon. tenen. que re



'Decretals of Boniface VIII'.

Papa Bonifácio VIII (c.1235-1303)

O cristão e a cultura em paradoxo

- Posição associada a Martinho Lutero (1483-1546) e Søren Kierkegaard (1813-1855).
- Esta posição mantém o entendimento bíblico da queda e da miséria do pecado, e o chamado para se lidar com a cultura. A relação do cristão com a cultura é marcada por uma tensão dinâmica entre a ira e a misericórdia.
- Um cristão é ao mesmo tempo cidadão de dois reinos e está debaixo do governo peculiar de cada um.



- Lutero enfatizou este tema com sua doutrina dos “dois reinos”: a mão esquerda, terrena, segura a espada do poder no mundo, enquanto a mão direita, celeste, segura a espada do Espírito, a Palavra de Deus.
- O cristão permanece livre em sua consciência, cativa à Palavra de Deus; o cidadão é chamado a obedecer às ordens e obrigações dos reinos terrenos.

O cristão como agente transformador da cultura

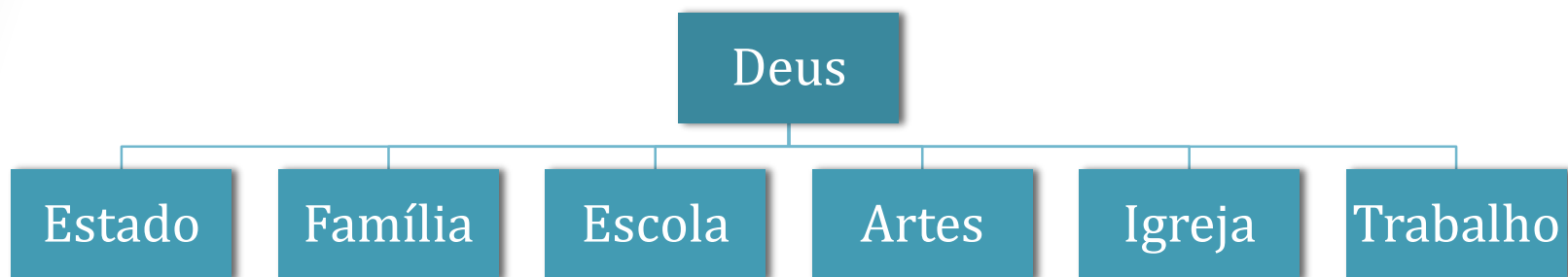
- Sem desconsiderar a queda e o pecado, mas enfatizando que, no princípio, a criação era boa, afirma que o objetivo da redenção é a salvação do indivíduo, mas que também a cultura deve ser levada cativa ao senhorio de Cristo.
- Agostinho (354-430), João Calvino (1509-1564) e John Wesley (1703-1791) são alguns dos que entenderam que os cristãos são agentes de transformação da cultura, afirmando que, por mais iníquas que sejam certas instituições, elas não estão fora do alcance da soberania e da graça de Deus.

“Oh! Nem uma só área de nosso mundo mental deve ser hermeticamente isolada do resto, e não existe um só centímetro quadrado de toda a esfera da existência humana sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não exclame: ‘Meu!’”



Abraham Kuyper

A ordem social e a autoridade de Deus



Esta visão da sociedade não se centraliza no indivíduo nem na instituição, mas na soberania de Deus sobre as esferas da criação, nas quais diferentes instituições estão debaixo do reinado de Deus.

“Em vez de imaginar que Cristo *contra* a cultura e Cristo *transformando* a cultura são duas posições mutuamente excludentes, a rica complexidade das normas bíblicas (...) ensinam-nos que com frequência essas duas posições operam simultaneamente. (...)



D. A. Carson

A complexidade instruirá nosso serviço, sem insistir que as coisas aconteçam de determinada maneira: aprendemos a confiar e a obedecer e deixamos os resultados com Deus, pois tanto com as Escrituras quanto com a história aprendemos que às vezes a fidelidade conduz ao despertamento e à reforma, às vezes à perseguição, e às vezes a ambos. (...)



D. A. Carson

Viveremos na tensão de reivindicar cada centímetro quadrado para o rei Jesus, embora saibamos muito bem que a consumação ainda não chegou, que andamos pela fé e não pelo que vemos e que as armas com as quais lutamos não são as armas do mundo.”



D. A. Carson

Relatório de Willowbank

- A afirmação de que o cristão é um agente transformador da cultura pode ser resumida na compreensão de que “uma vez que o homem é criado por Deus, parte de sua cultura será rica em beleza e bondade. Por causa da queda e do pecado do homem, toda a sua cultura [usos e costumes] está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca” (Pacto de Lausanne [1974] §10) — o evangelho nunca é hóspede da cultura, mas sempre seu juiz e redentor.

Relatório de Willowbank

- O Grupo de Teologia e Educação de Lausanne propôs um modelo hierárquico de ação sobre a entrada do evangelho na cultura (Relatório de Willowbank, 1978) que pode ser de auxílio em nosso trato com a cultura ao nosso redor.

O Evangelho como juiz da cultura

- “A essência do cristianismo é supracultural, no sentido de que há certo conteúdo nele que deve ser sustentado ainda que sua preservação vá contra e signifique destruir uma cultura particular”. (Bruce Nicholls)

O Evangelho como juiz da cultura

Este conteúdo supracultural pode ser resumido como:

1. Crença e fidelidade ao Deus Trino;
2. Crença na Bíblia como a Palavra de Deus;
3. Crença nos pontos decisivos da história redentora (criação, queda, redenção e restauração) e em mandamentos, ordenanças e doutrinas claramente estabelecidas na Bíblia.

Categorias de costumes

1. Alguns costumes não podem ser tolerados, como a idolatria, infanticídio, canibalismo, vingança, mutilação física, prostituição ritual, entre outros.
2. Alguns costumes podem ser temporariamente tolerados, como a escravidão, o sistema de castas, o sistema tribal, a poligamia, entre outros.

Categorias de costumes

3. Há alguns costumes cujas objeções não são relevantes para o evangelho, como o costume de o homem e a mulher sentarem separados nos cultos, os costumes alimentares, vestimentas, hábitos de higiene pessoal, entre outros.
4. Assuntos secundários (*adiáforos*) sobre os quais há controvérsias mas que pode-se ter liberdade de análise, como escatologia, governo da igreja, ceia e batismo.

“Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. (...) Pelo contrário, (...) adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal.



Carta a Diogneto 5-6

Participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. (...) moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; (...) Em outras palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo.”



Carta a Diogneto 5-6

Uma definição da graça comum

- Esta se refere a toda e qualquer dádiva recebida — com exceção da salvação — que essa criação caída no pecado desfruta das mãos de Deus.
- A graça comum não envolve nenhuma mudança de coração, mas atua restringindo o pecado e a miséria na criação, preservando boas virtudes tais como verdade, excelência, criatividade, sabedoria e conhecimento, nobreza, integridade e beleza.

Uma definição da graça comum

- O Espírito Santo inspira e qualifica os homens para suas tarefas, tais como o trabalho na ciência e nas artes (cf. Êx 28.3; 31.2,3,6; 35.35; 1Sm 11.6; 16.13,14).
- Por consequência, cristãos e não cristãos são capazes de realizar coisas boas porque ainda possuem a imagem de Deus e são dotados pela graça comum de Deus.

Uma definição da graça comum

- Assim, desempenharão com excelência suas vocações nas diversas esferas do Estado, da Igreja, da família e do indivíduo — uns cumprirão sua vocação tendo em vista a glória de Deus, outros terão em vista alguma outra causa.
- Apesar disso, os mandatos são cumpridos, e o reino é estabelecido.

Graça comum e ordem social

- A compreensão da doutrina da ordem social da sociedade combinada com a graça comum determina nosso envolvimento nas várias esferas da criação, tais como família, arte, música, literatura, ciência e educação.
- O cristão não precisa justificar sua vocação por aquilo que a torna espiritual, ética, evangelística ou relacionada com a igreja.

“Não é necessário que se ‘abençoe’ o trabalho ou as instituições seculares com o adjetivo ‘cristão’ ou ‘do reino’ para que ele se torne digno para com Deus. Era esse o ponto da Reforma: que o reino secular é honrado porque tem o mesmo Criador e Sustentador que a própria igreja. Achamos que há um estilo ‘cristão’ de pintura, trabalho, escrita, pesquisa e criação de filhos, que faz com que os crentes automaticamente sejam superiores nesses campos.



Michael Horton

Cristãos e não cristãos envolvem-se nessas atividades mundanas na mesma base: ambos são portadores da imagem de Deus que receberam, que inclui um chamado para assumir um determinado posto na criação. Isso seria verdade se não houvesse a Queda, se não houvesse a cruz e não houvesse a redenção. Mas mesmo após a Queda, o âmbito da criação é suficiente para justificar nossa atividade [nas diversas esferas criacionais].”



Michael Horton

- A vocação do cristão não precisa redimir nem revelar explicitamente convicções cristãs, antes deve expressar excelência, integridade, verdade e beleza.
- A doutrina da graça comum ressalta o poder destrutivo do pecado, mas reconhece os dons que vemos nos não cristãos como dons de Deus. E isso nos ajuda a explicar a possibilidade da construção da civilização e da cultura a despeito do pecado na humanidade.

- Com isso, somos abençoados com uma visão ampla e rica da cultura, em que se entende que Deus é o autor e senhor de todas as coisas — na verdade, toda verdade é verdade, pois procede de Deus.
- Por isso, tendo a tipologia de Niebuhr em mente, afirmamos que os cristãos são chamados a se portarem como agentes de transformação de toda cultura, trazendo-a cativa ao senhorio de Cristo.